

Isabella Pichiguelli
Míriam Cristina Carlos Silva
Monica Martinez
Tarcyanie Cajueiro
Vanessa Heidemann
(organizadoras)

Afetos em narrativas

(volume 1)

1.^a edição



Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP

PROVOCARE
editora

Provocare Editora
Votorantim, SP

2018

SUÍTE ACADÊMICA, SEGUNDO MOVIMENTO: NOTAS LÍRICAS SOBRE BANCAS DE MESTRADO E DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO

João Anzanello Carrascoza

ESPM-SP

A abertura

É a etapa inaugural, e compulsória, de qualquer narrativa que vá se desdobrar adiante. O sol inaugura a manhã, os olhos sonolentos se abrem para o novo dia, o nascimento é o abridor da vida – a minha, a sua, a de todos nós. A abertura revela aos poucos a sua razão de ser, senão seria um devassamento. Ideal que seja reverente e respeitosa, mas não demore para introduzir seu objetivo. O do texto, que aqui se abre, é apresentar, para além do eixo cartesiano que predomina na academia, alguns itens relevantes quando um mestrando ou doutorando apresenta sua pesquisa em banca de defesa final. Segundo movimento, como seu título enuncia, da suíte que fizemos tempos atrás para lembrar os pesquisadores em Comunicação que o mundo do sensível está na raiz do intelecto, é parte pois do método científico, embora seja costume soterrá-lo em nome da (falsa) objetividade. Já a abertura de uma cerimônia de defesa pode ser protocolar e burocrática, criativa e inspiradora, depende de quem a comanda. Não são muitas as suas variáveis, normalmente se alterna entre a pompa e a discrição. Se equivocada, arrasta emoções rasteiras; se equilibrada, eleva os espíritos – embora não como as aberturas sinfônicas de

Beethoven. Mas quem aspira a tanto? A glória não é nativa do nosso campo.

A banca

Não é um tribunal, nem uma reunião de amigos, mas um encontro de sensibilidades, às vezes das mais brutas. Se for de mestrado, lá estarão três examinadores; apenas dois com direito à fala ou à arguição (se preferirmos uma palavra de viço erudito), o orientador não conta, já disse o que tinha para dizer, pelo menos é o que dele se esperava enquanto a pesquisa progredia: se está ou não de acordo com o ponto de chegada, a sua missão é reafirmá-lo, umas bolhas nos pés do orientando também nos seus supuraram. O mesmo em caso de doutorado, quando então o número de examinadores sobe para cinco, suprimindo o orientador que percorreu com seu orientando – itinerário mais comprido – os trechos de areia movediça, de terra batida, os paralelepípedos e, por fim, a capa de asfalto sobre o pântano. Implícito é o pacto entre os membros da banca: em uma ponta a cordialidade; na outra, a provocação.

O orientador

Não possui bússola, nem a vidência das pitonisas, tampouco tem as respostas (mesmo se codificadas) dos oráculos. Mas acompanha os passos, prevê as quedas, aponta as sendas esburacadas e os precipícios invisíveis. Deve ser firme, mas – que se diga logo – é falível. Alguns são de estirpe calorosa, outros de cepa gelada. E há os paternais, os terapêuticos, os motivadores, os reservados. Às vezes são secos,

às vezes caudalosos. Num polo, arrogantes e altivos. Noutro, humildes e nobres. Nem sempre cairemos com o orientador sonhado, nem escaparemos de quem se tenhamos evitado. Sorte-azar, destino-acaso, nunca saberemos os desígnios da vida e as suas irônicas possibilidades. Se for um leitor-crítico, já terá sido um aliado. Se for sincero no feedback, um bônus. Bônus extra, se souber ouvir. Tri-bônus, se não atrapalhar. Desconfie daquele que não faz ressalvas, bem como dos que só elogiam. Os confetes de ontem se transformam nos espinhos de amanhã. Na banca, deverá se comportar com dignidade ante as críticas dirigidas a pupilo e com modéstia se méritos lhe atribuírem. Por reverência ou graça, dizem que é uma espécie de deus, no qual se deve confiar muda e cegamente. Pobre deus sem poder algum, a não ser o de levar a culpa dos erros cometidos pelos seus (in)fiéis seguidores.

Os agradecimentos

Há quem agradeça àqueles que lhes ergueram a cancela, ainda que ela possa ser acionada por botão, com um roçar de dedo. Há quem agradeça por dever ou constrangimento – mordança para sufocar a futura ingratidão. Se assim for, melhor não agradecer, será um gesto de coragem. Pode-se argumentar, pelo não dito, que é desnecessário agradecer a quem nos amparou por obrigação, a preço justo e com a devida mais-valia. Às vezes, para o orientador, o nome na página de agradecimentos é o único indício, talvez sincero, de que foi efetivo como o guerreiro (mais experiente) da tribo. Avós, pais, filhos, irmãos, amigos, agradeça a quem quiser, desde que não seja por interesse. Se for por afeto, não exagere no açúcar.

Intimidade desmedida mais aprisiona que liberta. Nunca é pouco dizer às pessoas que as amamos, embora possamos dizer de outra maneira, fugindo dos clichês (deles, afaste-se o tempo todo). Professores, colegas de jornada, gente querida que partiu enquanto a pesquisa se arvorava. Alguma agência de fomento. Agradeça a quem julgar que o mereça, mas não minta à sua verdade – assim a empobrecerá.

A epígrafe

Chave interpretativa que antecede a discussão. Farol que, pretende-se, a ilumine. Frase ou verso que abarca o oceano ondulando à frente – margem do que não tem divisas precisas. Passagem ou trecho ardente de terras percorridas por outro caminhante, às vezes seu único marco, mas, no contexto aludido, sempre um sol extremo no horizonte. Não confundir com epitáfio, que esse vai depois de consagrado o fim do caminho. Zelar – e aí está o risco – para que as (poucas) palavras da epígrafe não sejam as mais expressivas da explanação que a segue. Epígrafe: como um tapa. Tapa que carrega em seu âmago a coragem do agressor para encarar os efeitos de seu ato. Epígrafe: cuidado para que ela não diga o contrário do proscrito. Nem seja uma gravata borboleta na roupa do dia a dia. Ou, o mais danoso: se em outra língua, que não a corrente do autor, mas de cercania remota, revela alma colonizada, empáfia neoliberal, preconceito linguístico. Grave o alerta: epígrafe é estaca – de espantalho ou cadafalso.

Os capítulos

Não são como lojas de departamentos, a exibir seu conteúdo sem relação com o todo, andares estranhos de um edifício. Escamas cristalinas de cebola, que Neruda definiu como redonda rosa de água. Capítulos: espirais que se sobrepõem, umas às outras, formando a luminosa redoma que abriga água nova e gotas antigas. Reparte do mesmo pão, fatia de uma narrativa (se o texto se abrir como flor para o pathos). E, se o texto for urdido como peça de persuasão, com empilhamento de dados, como o fez Whitman em suas folhas da relva, mesmo assim, um capítulo deve se amalgamar ao outro, como a derme à epiderme. Capítulos, embora tragam questões inéditas, carregam saberes coagulados e, aos poucos, página a página, vão, como o efeito do tempo, cicatrizando as dúvidas e abrindo outras chagas. É do humano a desconfiança. Capítulos: âncoras da nave. Saiba lançá-los ao mar dos sentidos, para lhes dar especificidade. Capítulos: fios que, entrelaçados, tecem a rede de arrasto, a tarrafa, a malha das lembranças (e a do esquecimento).

As citações

Como usá-las? Não feito batom, esmalte, cílios postiços. Mas como sangue que irriga o corpo. Líquido que lubrifica as artérias do pensar e as veias do sentir. Ervas aliadas, que podem se tornar daninhas. Especiarias que alteram o sabor, para alegrar o paladar ou amargá-lo. Uma citação puxa a outra, e quem as encaixa ou as desparafusa é o bom senso, como faz a locomotiva com os vagões. Uma atrás da outra e da outra e da outra é comboio rude – o peso de tantas mantém o trem preso ao chão,

quando o desejável é levitar, andar sobre os trilhos sem neles tocar. Um rosário de citações extraído das obras dos examinadores, eis uma arte, que pode cair no artifício. Reconhecimento legítimo, jamais reverência falsa. É justo dizer com o dito alheio – aliás, sempre se diz, apud Bakhtin. Melhor dizê-lo, então, sabendo qual é a sua palavra, qual é a do outro.

A revisão

Os erros, dos mais simples, ortográficos, até os de maior gravidade, são inevitáveis. Mas, se para o orientando, há gradações entre o relaxo consciente e a derrapagem involuntária; para a banca, a linha entre a tolerância e o perdão não é das mais elásticas. Leve é a incorreção se, no lugar de um w, se grafar um v, mas, se o w estiver no nome de um dos examinadores, o peso do engano sobe exponencialmente, pode soar como afronta. Conferir, em Angústia de Graciliano Ramos, a crítica aos revolucionários que escreveram “proletários, uni-vos”, sem a vírgula e o hífen. Suprimir sinais é contravenção à regra, ou prova de que a insubordinação está, como a pele ao corpo, grudada à fala? Abaixo os puristas. E os desmanzelados. O que tem de ser tem mesmo muita força? Há armas contra o determinismo? Não é a escrita um caminho que desafia o abismo? Revisar: ver mais uma vez. Escrever: revisar o ver. Remirar o visto, para corrigir em si a paisagem. Saber que da pedra de Sísifo, rolada morro acima e abaixo, umas lascas sempre se desprendem. Saber que podemos pisá-las com botas, ou descalços.

O então

O “então” é uma das duas balizas movidas pela banca examinadora. Cada membro, quando lhe é dada a palavra, depois da saudação aos presentes e do agradecimento pelo convite que ali o trouxe, inicia a sua arguição com esse “então”, dito explicitamente ou subentendido. O “então” corresponde aos pontos positivos, que angariaram, à vista de cada leitor-avaliador, vivas e elogios. “Então”, diz o douto professor, e começa o seu rol de lisonjas, que vão desde as mais modestas aos rolos de serpentina – às vezes, mais para imantar a plateia do que louvar o candidato. O “então” suporta várias calibrações, impossível listar todas. A sua finalidade é assentar a coluna dos prós. Desembrulhado plenamente o “então”, cumpre ao arguidor trazer à cena a outra baliza, a do “mas”, que, sendo seu oposto, tem lá muitas nuances.

O mas

O “mas” sucede o “então” e exerce força inversa: elenca os equívocos, os titubeios, as vacilações e, até mesmo, os acertos – que, a depender do observador, são desvios de rota, falso (reto) caminho, trem descarrilado do “então”. No “mas” se aloja o demo e seu redemunho. Pelo “mas” é que se ataca com lança em fogo o fino tecido humano. Se o “então” é o reconhecimento do escudo dúctil, o “mas” é o seu flanco, a parte, vide o corpo de Aquiles, que não recebeu a blindagem da água santa. Há relatos nos quais o avaliador, quebrando o protocolo do “então” antes do “mas”, descortina seu teatro por esse, para terminar com clima laudatório – um estratagema que antepõe as chicotadas aos afagos iniciais de praxe. Também já

se viu, numerosos são os registros, o arguidor, por tática performática ou bipolaridade, fazer um vaivém de “então” e “mas”, “mas” e “então”, um ardil de impacto duvidoso, mas comum para quem vê o bem e o mal abraçados, como Jekyll e Hyde. Em suma: apesar das loas exaltadas no “então”, o “mas” é seu neutralizador nato, o negro que tinge a sublime claridade. Pois então: mas!

A réplica

A cada arguição de um membro da banca, cabe ao presidente da sessão, na figura do orientador, ceder a palavra ao seu orientando, para que se manifeste acerca do que lhe foi dito. Prudente, nessa resposta, é que ele devolva, rápido, a gentileza (recíproca) relativa ao “então” endereçado e centre sua verve no núcleo do “mas” e suas decorrências – esforçando-se para não ser tímido na defesa, nem inconstante no ataque. Os examinadores agem como numa mesa redonda, não há quem seja mais sábio – mas vá dizer isso às estrelas, como todas aqui embaixo, de luz fugaz –, será a faísca do incêndio. A réplica deve se ater às altas esferas teóricas, à galáxia de abstrações, ainda que seja desejável o debate reverberar na superfície terrestre, se possível na vida humana. Mesmo que se tome todas as precauções e se pegue as palavras à pinça, não se anulará o risco de uma tréplica. Há quem se comporte numa banca como num comício, querendo que seu fervor afogue a crença dos outros. Convém lembrar, assim, que nenhuma água escorre sem perder volume em seu curso.

A deliberação

Cumprido o rito formal, tendo os membros da banca feito seus comentários e recebido esclarecimentos do candidato – dada a hora e os compromissos domésticos que os aguardam –, o orientador pedirá que seu orientando e a plateia se retirem, os avaliadores vão deliberar, discutir entre si o “veredito”. Em comitê privado, analisarão os trunfos e os deméritos da pesquisa. Distraidamente, vão derivar para assuntos de outra índole, a crise econômica do país, os radicais de direita, o absurdo cotidiano. Maledicências podem brotar, fofocas, procura por faxineira, não há limites para o que a linguagem é capaz de produzir entre quatro paredes – e também fora, porque os que saíram da sala hão de recolocar o tema em pauta, julgando à sua maneira a conduta, os trejeitos, os salamaleques dos avaliadores: a deliberação se dará, portanto, dos dois lados. Deliberar: ação dupla. Juízo, nessa hora.

O resultado

Finda a deliberação de lá e de cá, a plateia voltará à sala, repovoando-a. O orientador, de pé, instando os demais a imitá-lo, lerá então, em voz alta, a pequena ata, menos para agradar o candidato e seus convidados e mais para que o “veredito” não se perca no ar. Aprovado. Aprovado com distinção. Aprovado com distinção e louvor. O que vale é o título ou o aprendizado? Hora de festejar, apesar dos talhos de facão na carne. Festejar porque não há alegria sem cicatrizes (atávicas ou vindouras). Uma vitória, não importa se de goleada, se de meio a zero. Todas as horas dos dois ou dos quatro anos, sobretudo as tormentosas, hão de relampejar na memória, e, se brotar nos

olhos garoa, chuva ou nada, pouco importa: o cálculo está fechado. Para o novo mestre, o novo doutor, a glória (ligeira) do instante.

O encerramento

No fim do fim, as incontornáveis selfies: primeiro do pupilo (agora mestre ou doutor) e seu orientador, depois daquele com os membros da banca e, o mais esperado, com seus familiares e aqueles que, ao contrário das carpideiras, ali vieram para bajulá-lo (preço antes combinado). Depois, a estrela do dia (mesmo que chamuscada) deverá celebrar em local privê, com a sua gente, o título obtido. Os doutos membros da banca correrão para suas casas – os ansiosos precisam atualizar logo o currículo Lattes. No mais, nada de novo sob o sol, senão mais um catatau de pé, na biblioteca da faculdade, à espera do pó.